

História da letra R

AMOSTRA

Deonísio Silva

DE ONDE VÊM AS PALAVRINHAS

História da letra R

AMOSTRA



MINOTAURO

Apresentação

Você gosta de parlendas e de trava-línguas? A letra R tem parlendas e trava-línguas engraçadas. Como estas: “O rato roeu a correia da carroça do rei da Rússia, a rainha de raiva roeu o resto”.

Nas parlendas, o importante não é ter ou fazer sentido. O importante é rimar para melhor guardar na memória a brincadeira com palavras.

Mas no livro que você acabou de abrir o propósito é outro: brincar com a letra R e contar sua história. Os netos deste vovô escritor gostam de ouvir as histórias que ele conta e de ler os livros que ele escreve. E de ler livros de outros autores também, que não são seus vovôs. Afinal, quem pode ser vovô de todo mundo?

Todas as crianças do mundo precisam que alguém leia para elas. Podem ser as histórias que estão nos livros da biblioteca de casa ou na biblioteca da escola.

Quando a gente ainda não aprendeu a ler, outros leem para nós. Depois aprendemos a ler e lemos por conta própria.

Os Editores



História da letra R

Vovô vai ler para os netos, mas antes conversa bastante com eles. E depois menos. Sabem por quê? Depois que ele lê para os netos, eles se aquietam e se recolhem para dormir.

Daí vovô fala só um pouquinho, a mãe e o pai deles levam os filhos para a cama de cada um, eles pegam no sono e dormem. Então, os pais voltam para a sala e conversam também.

Mas agora vovô tem uma coisa para contar aos netos:

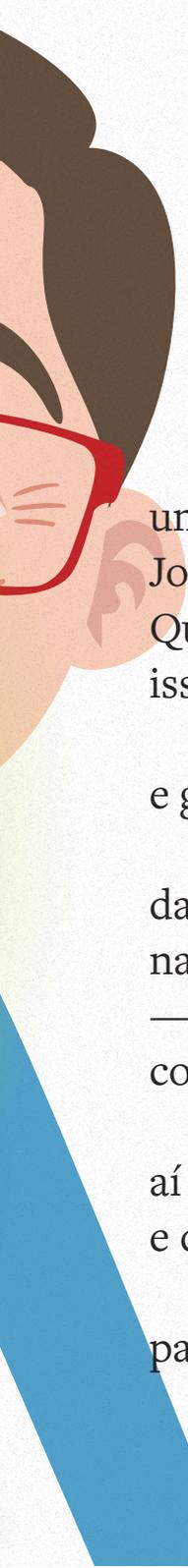
—Quando eu era menino, a gente brincava muito de parlenda e de trava-língua.

—Então, diz aí uma parlenda, vovô — disse Josué. Você sabe alguma parlenda, Inácio?

QUEM COCHICHA O RABO
ESPICHA!



História da letra R



—Sei.

—Então diz uma.

—Vou dizer uma que o vovô me ensinou um dia quando você estava na esticadinha, Josué: “Quem cochicha o rabo espicha. Quem se importa o rabo entorta. Quem diz isso é ouriço. Quem não diz é perdiz”.

Vovô e Josué batem palmas para o Inácio e gritam “viva o Inácio!”

—Esticadinha é quando ficamos depois das aulas na escola. Você também já foi na esticadinha, Inácio — disse Josué — Na tua primeira esticadinha, eu fui contigo.

—É verdade, disse Inácio. Mas agora diz aí outra parlenda. Não vale esta do ouriço e da perdiz, essa eu já disse. Diz outra.

Josué não se faz de rogado e diz nova parlenda:



História da letra R

—Um, dois, feijão com arroz. Três, quatro, feijão no prato. Cinco, seis, eu sei inglês. Sete, oito, café com biscoito. Nove, dez, comer pastéis.

Nova salva de palmas. Desta vez para o Josué. E depois vovô diz:

—Agora é a minha vez de dizer uma parlenda. Posso?

-Siiiiimm, dizem juntos os dois netos.

—Vou dizer uma parlenda com palavras com “r” porque hoje quero lhes contar a história da letra “r”, que a gente escreve quase sempre pequenina, mas às vezes grande, “R”, assim, quando é nome de pessoa ou de lugar. Estão prontos para ouvir?

—Estamos, dizem os dois.

—O rato roeu a roupa do rei de Roma, a rainha de raiva roeu o resto.



História da letra R

Os dois netos batem palmas para o vovô. Vovô agradece e oferece outra, também com a letra “R”:

—O rato roeu a correia da carroça do rei de Roma. Mas a rainha de raiva não roeu o resto. Ela roeu a roupa do rei da Rússia.

—A Rússia tem rei, vovô? — perguntou Josué.

—Não. Acho que nunca teve. Eles chamam rei de *czar*. Posso dizer outra parlenda com a letra R? Esta eu inventei agora. É bem curtinha.

—Pode, disseram os gurus.

—Renato rezou por Rita na rede sem raiva.

—Ninguém reza com raiva, mas reza na rede. O vovô disse raiva também só para rimar, né, vovô? — perguntou Inácio.

—Sim, eu disse raiva só para rimar, disse vovô.



História da letra R

—Mas é rezar ou orar que a gente diz, vovô? Rezar e orar são a mesma coisa?

—São, disse vovô. — Orar e rezar são a mesma coisa. No começo da língua portuguesa, diziam orar e recitar. Porque quando oravam, recitavam alguma oração que tinham decorado, como o pai-nosso.

—Ah, — disse Josué — o padre disse que esta oração, o padre-nosso, foi o próprio Jesus quem ensinou.

—É. — disse Inácio — Eu estava junto.

—Ele não estava, não, vovô. O Inácio estava andando lá atrás do altar quando o padre disse isso.

—Mas eu ouvi de lá que ele disse isso. Eu estava lá, de verdade, atrás do altar, procurando uma coisa que tinha caído da minha mão. Depois eu voltei, disse Inácio.

“Não é sonho, meus amigos; bem sinto eu, nas
pulsações do sangue, essa ressurreição ansiada”

RUI BARBOSA



História da letra R

—Está tudo bem, disse vovô. — Mas eu vou terminar a explicação de orar e rezar para depois ir adiante com a história da letra “R”. Olha, a mãe e o pai de vocês, quando estavam na faculdade, eles leram uma redação muito bonita chamada Oração aos Moços.

—Oração aos Moços? O que é isso, vovô? Quem escreveu? — perguntou Josué.

—Quem escreveu foi um advogado chamado Rui Barbosa.

—Mas foi para rezar que ele escreveu?

—Não. É que no começo da língua portuguesa, rezar não era rezar, era recitar. Daí começaram a dizer “restar” e depois “rezar”. Ficou rezar, mas era a mesma coisa que orar, que não é só rezar, é falar de um modo mais organizado, solene.

—Entendi, disse Josué.